

ANTROPOCÊNICA Ensaio Fotográfico

Silvio Luiz Cordeiro¹

As imagens vistas aqui foram selecionadas de um ensaio fotográfico maior, concebido no contexto da série internacional de estudos transdisciplinares Antropocênica*, dedicada, em síntese, a (re)pensar *as cenas do drama humano no teatro do mundo em mutação*. Nela, propomos o Antropoceno como época de produção de ruínas, sobretudo a partir do recorte cultural, histórico e geográfico da expansão mercantil-colonial-escravagista iniciada pelos reinos ibéricos no século XV, processo disparador da complexa dinâmica que instaura e desenvolve, no tempo e no espaço, as formas imperiais e capitalistas da modernidade-colonialidade, que se difundem pelo mundo. No presente, as cenas contemporâneas expressam os problemas estruturais vivenciados por sociedades colonizadas nesse passado, hoje países do chamado *Sul Global*. Durante a criação artística deste ensaio, transitaram os principais conceitos que animam os encontros da série Antropocênica. As imagens foram capturadas na praia de Bopiranga, ao sul de Itanhaém, vila colonial em 1561, hoje uma das cidades litorâneas da Baixada Santista, São Paulo, Brasil. A ideia surgiu numa caminhada pela manhã, quando ainda se via, impressas na areia, as marcas do dia anterior, *cenas* remanescentes, imagens vestigiais que logo seriam apagadas pelas águas do mar, pela ventania e fluxo de gente, enfim, pelo movimento dos múltiplos *atores* que transformam o *cenário* desse lugar. Havia ali referências físicas propícias, isto é, como formas visuais simbólicas relacionadas com o contexto temático da Antropocênica.

A presença constante da areia, em si, evidencia a ruína de antigas rochas, degradadas e erodidas no tempo. Elas formam a extensa praia banhada pelo Oceano Atlântico, fronteira geográfica, mas também mítica e histórica, habitada por antigas culturas e ultrapassada por invasores europeus desde as travessias transatlânticas no fluxo de matérias, seres e corpos humanos escravizados; lugar em que indígenas viram chegar aqueles que dominariam em breve os seus territórios, com a violência da escravatura empreendida a partir do século XVI.

Neste ensaio, a areia da praia é tanto o suporte-ruína de sinais efêmeros, quanto o elemento de temporalidades expressivas, por exemplo, do tempo remotíssimo dessa região litorânea, como memória geológica das transformações da Terra (aqui, um aceno poético à ancestralidade desse litoral, *in memoriam* de outros continentes primitivos, como a Pangeia, quando America do Sul e África estavam unidos). As marcas impressas na areia, de seres (humanos e não-humanos) e de veículos, cujos sulcos de rodas pneumáticas ora parecem vestígios fósseis das vértebras de algum desconhecido animal extinto... Testemunhos do lixo disperso, itens industrializados consumidos, poluentes daquele ambiente fotografado, linhas retorcidas, resíduos plásticos, outras evidências de ruínas que marcam a nova época geo-humana.

*<https://www.antropocenica.ooo/>

¹ Artista, arquiteto e arqueólogo, membro do Grupo de Pesquisa Políticas da Imagem na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA USP); colabora com o Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Patrimônio da Universidade de Coimbra (CEAACP) e o Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta de Portugal (CEG); é um dos idealizadores e coordenadores da série internacional Antropocênica.





